

FRANCISCO: 10 ANOS DE PONTIFICADO**Francisco: 10 pontific's years*Geraldo Luiz De Mori[†]

RESUMO: No dia treze de março de dois mil e treze, Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa, escolhendo como nome Francisco. A comemoração dos 10 anos de seu pontificado, em 2023, é uma ocasião propícia para um primeiro balanço. O presente texto, inspirado no número de anos do atual Pontífice frente ao governo da Igreja Católica, propõe, em dez temas, o que mais marcou, até o momento presente, esse governo, indicando o significado do gesto, iniciativa ou texto correspondente a cada tema, que não se refere necessariamente a cada ano do pontificado.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. 10 anos. Igreja Católica. Reforma. Anúncio da fé.

ABSTRACT: On March 13, 2013, Jorge Mario Bergoglio was elected Pope, choosing the name Francis. The commemoration of the 10th anniversary of his pontificate in 2023 is an appropriate occasion for a first assessment. This text, inspired by the number of years the current Pontiff has been at the helm of the Catholic Church, proposes, in ten themes, what has most marked this government so far, indicating the significance of the gesture, initiative or text corresponding to each theme, which does not necessarily refer to each year of the pontificate.

KEYWORDS: Pope Francis. 10 years. Catholic Church. Reform. Proclaiming the faith.

* O presente texto retoma a conferência pronunciada no Simpósio Teológico “Os 10 anos do pontificado do Papa Francisco”, realizado no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), realizado nos dias 4 a 6 de outubro de 2023.

† Bacharel em filosofia (1986) e em teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (instituição eclesiástica que, desde 2005, corresponde à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE). Mestre (1996) e doutor (2002) em teologia pelas Facultés Jésuites de Paris – Centre Sèvres. Professor de teologia sistemática na FAJE, membro do Board de editores da revista *Concilium*. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6176-2063>.

Introdução

O dia onze de fevereiro de dois mil e treze ficou marcado na história da Igreja Católica pela renúncia de Bento XVI. Segundo a declaração lida por ele naquele dia diante dos cardeais reunidos num consistório, suas “forças, devido à idade avançada”, já não eram “idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino”. O mundo de hoje, continuava, “sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé”, necessitava, para “governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho”, o “vigor quer do corpo quer do espírito”, vigor “que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo” que ele tinha que reconhecer sua “incapacidade para administrar bem o ministério” que lhe havia sido confiado (BENTO XVI, 2013). Seu governo, iniciado em 2005, havia sido marcado, tanto pelo brilho de sua inteligência teológica, apreciada por tantos que iam escutá-lo ou que liam seus textos, quanto pelo enfrentamento da grave crise dos abusos de menores, enfrentada por ele com coragem. A essa crise se acrescentava também a de credibilidade, sobretudo diante da má gestão de certas questões econômicas no seio do Vaticano ou eclesiais no seio de alguns episcopados. Para a sucessão do Papa Alemão era necessária uma liderança capaz de reencantar o mundo católico, reconduzindo-o ao frescor do Evangelho, além de mostrar firmeza na condução das crises pelas quais passava a Igreja. Ao escolher um bispo do “fim do mundo”, como se expressou em sua primeira fala o Pontífice eleito em 13/02/2013, os cardeais reunidos em conclave buscaram oferecer uma resposta às demandas então presentes na instituição eclesial. 10 anos depois, é importante, na releitura que se faz do atual pontificado, perguntar-se até que ponto essas demandas foram devidamente atendidas.

O presente texto não tem a pretensão de responder à pergunta que certamente tem sido feita 10 anos depois do início do presente pontificado, a saber, o Papa Francisco ofereceu à Igreja respostas adequadas para a crise que ela vivia quando foi eleito? O intento desse texto é mais modesto. Tendo em vista o número do atual pontificado, trata-se de recolher, em dez temas ou iniciativas, o que parece ter sido mais significativo nesse período. Mais que um balanço sociológico ou político desses 10 anos, o presente texto oferece um olhar teológico, voltado a recolher o bem vivido nesse tempo, para “dar graças”.

1. Um gesto inaugural

Assim que a “fumaça” da chaminé da Capela Sistina sinalizou que os cardeais haviam elegido o novo Papa, milhares de fiéis acorreram à Praça de São Pedro. Da varanda central da Basílica de São Pedro o cardeal-diácono Jean-Louis Tauran anunciou o nome do escolhido, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco. O que mais marcou nessa primeira aparição do novo pontífice foi o gesto de inclinar-se e pedir que todo o povo rezasse por ele: “Peço que rezem para o Senhor para que ele me abençoe” (FRANCISCO, 2013a). Esse pedido, que poderia parecer um recurso retórico populista, para ganhar a simpatia dos fiéis com um Papa vindo do “fim do mundo”, estava relacionado a algo profundamente enraizado na espiritualidade do novo sucessor de Pedro. Primeiro Papa a não ter participado do Concílio Vaticano II, ele expressava com esse gesto uma das convicções da eclesiologia conciliar: a da santidade de todo o povo de Deus, dada pelo batismo, que teve como um de seus desdobramentos a afirmação de que o “santo povo de Deus é infalível *in credendo*”. Essa convicção o pontífice argentino a adquiriu num dos desdobramentos mais importantes do Concílio na América Latina: a “teologia do povo”, vertente argentina da teologia latino-americana. Juan Carlos Scannone, num dos textos que escreveu sobre essa corrente teológica e o Papa Francisco, resgata sua história. Inicia indicando as semelhanças e diferenças dessa teologia com a teologia da libertação, indica, em seguida, as particularidades da teologia argentina, a saber: a ênfase numa leitura mais “hermenêutica” e menos sociopolítica da realidade, o interesse pela questão cultural, sobretudo a sabedoria e a religiosidade popular. Num terceiro momento, apresenta as perspectivas teológico-pastorais do Papa Francisco, partindo de uma breve apresentação das “agendas pendentes” do Vaticano II, identificadas, segundo ele, no que foi proposto na *Gaudium et spes*; analisa em seguida a relação entre a Exortação apostólica *Evangelii gaudium* e a teologia do povo; mostra como o tema da inculturação também é abordado na mesma Exortação; analisa algumas características do sujeito comunitário e da espiritualidade e da mística da religiosidade popular; concluindo com uma reflexão sobre os princípios de “construção de um povo” segundo o Papa Francisco (cf. SCANNONE, 2017).

Segundo Scannone, a teologia argentina é filha da eclesiologia do povo de Deus da Constituição sobre a Igreja do Concílio. Na *Lumen gentium*, após uma série de imagens bíblicas que dizem o que é a Igreja, são

apresentadas as três grandes categorias a partir das quais a eclesiologia conciliar se articula: “povo de Deus”, que remete à ideia veterotestamentária de Israel como povo escolhido, com o qual Deus fez aliança; “corpo de Cristo”, que recorda a metáfora paulina da Igreja como corpo, importante ao longo da história do catolicismo; “templo do Espírito Santo”, também de origem paulina, fundamental na eclesiologia ortodoxa e revalorizada pelo Concílio. Na América Latina, sobretudo em Medellín, II Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho (CELAM), realizada em 1968, a categoria povo de Deus ganhou uma importância central, criando certa identidade com a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) então em gestação e sedimentação. Na Argentina, observa Scannone, a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência dos Bispos (COEPAL) adaptou as conclusões de Medellín para a Igreja do país, ampliando a reflexão sobre a categoria “povo de Deus”, reinterpretando-a a partir das preocupações que haviam surgido na II Conferência do CELAM com a pastoral popular. Ao mesmo tempo, em outros países do continente, em diálogo com a “teoria da dependência”, alguns teólogos propuseram uma teologia da libertação, que ganhou diversos perfis, segundo os interlocutores privilegiados. Lucio Gera, teólogo pastoralista argentino, privilegiou então uma reflexão sobre o povo na perspectiva que então começava a ganhar importância na região, a da inculturação, mostrando como, no seio do povo latino-americano, foi gestada uma cultura própria, que é a que dá identidade a cada nação do continente. Sua reflexão teve grande importância na III Conferência do CELAM, em Puebla, onde o tema da inculturação passou a ser abordado de modo mais sistemático, ampliando-se até a IV Conferência, em Santo Domingo. O povo, tal qual é entendido nos vários autores e períodos da teologia argentina, não pode ser entendido apenas como grupo social e político, mas também como criador de cultura, que é o que dá continuidade e profundidade a cada nação. No tocante aos processos pastorais, ele é portador de uma rica experiência espiritual, gestada ao longo dos séculos em que o Evangelho foi anunciado e encarnado nas terras do continente. Por isso, o povo é não apenas “objeto da evangelização”, mas seu principal sujeito e protagonista, pois, como mostra a Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, ele é constituído do conjunto dos fiéis, que gozam da mesma dignidade batismal, que o torna sacerdote, profeta e rei (cf. SCANNONE, 2017, p. 19-48).

O gesto realizado pelo Pontífice recém-eleito em 2013 era, portanto, a expressão da convicção profunda de que sua missão nascia da fé comum

do povo ao qual ele era chamado a servir e conduzir. De muitas maneiras isso apareceu nesses últimos 10 anos, com uma ênfase particular para a valorização das distintas expressões da religiosidade/piedade popular, tão forte no continente do qual veio, enfatizada na V Conferência do CELAM, da qual ele havia participado e em cujo texto conclusivo ele teve participação decisiva, por ter sido o encarregado da comissão de redação (cf. DAp 7, 37, 43, 93, 99, 258, 261-64, 300, 549). De sua convicção de que a religiosidade popular constitui uma verdadeira mística do “santo povo fiel de Deus” (DAp 262) nasceu grande parte do texto sobre esse tema na Exortação pastoral *Evangelii gaudium* (cf. EG 122-126).

2. Uma viagem inusitada

No dia oito de julho de dois mil e treze, ou seja, alguns meses após sua eleição e posse, Francisco fez sua “primeira viagem apostólica”. O lugar emblemático dessa viagem, a ilha de Lampedusa, no sul da Itália, chamou a atenção do mundo, poque é o local onde chegam a cada dia centenas de migrantes, a maioria vindos da África, mas também do Oriente Médio, em busca de vida digna na Europa. O gesto do Pontífice indicava então o “lugar” a partir do qual seu pontificado seria centrado: as “periferias”, geográficas, sociais e existenciais. Citando as manchetes de alguns jornais, “Emigrantes mortos no mar; barcos que em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte”, ele afirma que essas notícias são como “um espinho no coração que faz doer”. Recordando as perguntas de Deus a Adão, “Onde estás?” (Gn 3,9), e a Caim “onde está teu irmão, Abel? (Gn 4,9)”, ele afirma que “essas duas perguntas ressoam, também hoje, com toda sua força” (FRANCISCO, 2013c).

A questão da migração tornou-se uma das questões mais dramáticas da época contemporânea, como se pode ver no número enorme de migrantes que buscam entrar na Europa através do Mediterrâneo, vindos, sobretudo, da África, de onde fogem da fome e de guerras, ou do Oriente Médio, como aconteceu durante a guerra na Síria ou atualmente na guerra entre Israel e Palestinos. Nos últimos anos, a guerra na Ucrânia também fez com que muitos buscassem refúgio em países europeus. Outro lugar de grande migração, os Estados Unidos, também tem episódios dramáticos de pessoas buscando atravessar a fronteira, através do México, sobretudo. Mesmo em países como Austrália, Japão e Brasil, o fluxo migratório tem crescido de modo impressionante. Desde o início de seu pontificado essa “periferia”, como ele tem chamado os grandes dramas da humanidade, não cessa de

preocupá-lo. De fato, segundo a Organização Mundial das Migrações, em 2022 o número de migrantes no mundo eram 281 milhões. Na visita que realizou a Marselha, França, nos dias 22 e 23 de setembro de 2023, Francisco trouxe as imagens centrais de uma cidade portuária, o mar, o porto e o farol, tentando despertar nos países mais abastados a solidariedade, o acolhimento, a hospitalidade. Ele denuncia também as “guerras aos pedaços”, que leva ao deslocamento de milhões de pessoas, e mostra como a crise climática tem levado ao deslocamento de milhares de pessoas em busca de condições dignas de vida.

3. O grande sinal do “fim do mundo”

No dia vinte e sete de março de dois mil e vinte, numa Praça de São Pedro vazia e chuvosa, Francisco caminha lentamente e só para um momento de vigília e oração pelas vítimas da pandemia da Covid-19, que havia começado no final de 2019, na China, tinha se espalhado de modo assustador pela Europa e América do Norte no início de 2020, com um auto índice de mortos, atingindo progressivamente quase todos os países do mundo, semeando morte, assustando as pessoas e levantando novas questões a uma humanidade que acreditava estar isenta desse tipo de catástrofe. De fato, num mundo altamente marcado pela tecnologia e pelos avanços da medicina e da indústria farmacêutica, ninguém acreditava que algo semelhante pudesse acontecer. O discurso do Papa ecoou então de modo grave: “Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades. Apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo de um silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem”. E o discurso continua: “presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos”. Iluminado pelo texto de Mc 4,35-41, o Papa recorda que a “tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos nossos programas, os nossos hábitos e prioridades” (FRANCISCO, 2020b). A imagem do Pontífice caminhando só na praça vazia e chuvosa, e as palavras que disse naquele dia são o símbolo de um tempo terrível que assolou a humanidade e que servia como advertência. Passados quase quatro anos desde aquela memorável tarde, a afirmação de Bárbara Buril, segundo a qual a “história mostra que o sofrimento ensina muito pouco”, embora possua um “poder revelatório”, pois revela “aspectos de nossa forma de vida que não víamos muito bem quando a vida funcionava em “modo normal”, parece se confirmar (cf. BURIL, 2020, p. 31, apud DE MORI, 2021, p. 292).

4. O evangelho como alegria

Vários intérpretes de Francisco chamam a atenção para os títulos e o teor de seus textos: em geral marcados por um apelo à alegria, ao louvor, ao lúdico. Os títulos de seus principais textos expressam bem isso: *Evangelii gaudium*, *Laudato si'*, *Amoris laetitia*, *Gaudete et exultate*, *Christus vivit*, *Querida Amazônia*, *Fratelli tutti*, *Veritatis gaudium*, *Laudato Deum*. O chamado a redescobrir a alegria, a dimensão lúdica e de louvação, a vida, a fraternidade, é, no fundo, um apelo a primeiro olhar o mundo e a história como dom vindo das mãos amorosas de Deus. Sem ignorar os problemas do mundo e da Igreja, o Papa quer despertar no olhar e na imaginação dos fiéis e dos que se abrem a seu ensinamento, a capacidade de admiração agradecida, pelas maravilhas que Deus realiza em sua criação e nos acontecimentos da história nos quais o ser humano tem uma importante participação. No fundo, é um apelo a redescobrir o próprio significado da palavra “evangelho”, “boa nova” ou “boa notícia”, que, no contexto inicial que foi empregado por Jesus, devia suscitar um grande júbilo, apelo à festa. No fundo, é o convite ao olhar divino sobre sua obra do primeiro capítulo do livro do Gênesis, livro com o qual começa a Sagrada Escritura. Após cada obra criada, o narrador afirma “e Deus viu que era bom”. Na conclusão da criação do ser humano, no v. 31 do mesmo capítulo, o narrador diz “Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom”. É interessante que no capítulo 3 do mesmo livro, esse mesmo ser humano, criado “muito bom”, é aquele pelo qual a desordem e o mal entram no mundo. Jesus, no sermão da montanha, também é habitado pela mesma capacidade de ver o mundo e maravilhar-se com o que Deus continuamente nele realiza. É o que parece emergir do convite que faz: “olhai os pássaros do céu [...] Aprendei dos lírios do campo” (Mt 6,26-31).

Mas não só o olhar deve ser de maravilhamento. A escuta igualmente é um apelo a acolher o que cada pessoa tem para dizer, deixando que o que comunica seja “evangelho” ou fazendo com que o que cada um comunica seja “evangelho” e produza alegria. Nesse sentido, no famoso “pressuposto”, do n. 21 dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, segundo o qual a primeira atitude diante do outro é a de “salvar sua proposição”, parece também guiar o olhar e a audição para a qual Francisco tem continuamente convidado a Igreja, para que, dessa maneira, ela seja de verdade sacramento de salvação para o mundo.

A Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* é tida por todos os intérpretes de Francisco como seu “plano de governo”, ou seja, sua visão da instituição que conduz e para onde quer levá-la. Em geral os “planos de governo” de toda instituição são marcados uma racionalidade estratégica, que articula, por um lado, a perspectiva política, com sua forma de conduzir a liderança e tomar decisões, e, por outro, a perspectiva administrativa, com a gestão do cotidiano da instituição. O texto de Francisco começa, porém, com o apelo a redescobrir o evangelho como alegria na própria vida de quem se encontra com Jesus. Tradicionalmente visto como salvação, esse encontro tem a capacidade de modificar a existência dos que nele estão implicados. Essa mudança, traduzida na linguagem clássica como conversão, tem como efeito a salvação. Muitas vezes, porém, o termo salvação evoca algo negativo, do qual se é salvo, embora implique algo positivo, o para que se é salvo. Ao chamar à redescoberta do evangelho como alegria, Francisco dá a primazia à dimensão mística da instituição eclesial, que está ao serviço do anúncio que pode provocar o encontro que produz a alegria verdadeira. A redescoberta do frescor da própria fé e do que ela pode provocar na vida de quem se diz movido por ela, contagiando outros com seu testemunho, é o que deve motivar todo processo de “reforma” da Igreja para o qual o Pontífice foi eleito.

O resultado dessa redescoberta da “alegria” do Evangelho é sua comunicação. Daí emerge a metáfora da “Igreja em saída”, que é movida pela energia que a alegria do encontro com o evangelho suscitou em quem foi encontrado por Jesus. As duas perspectivas, “alegria” e “saída” possuem uma dimensão mística, sem a qual não se pode pensar todas as decisões que visam à “reforma” da instituição eclesial. A “saída” missionária rompe com a “igreja ou a pastoral da manutenção”, “autorreferencial”, que, sob muitos pontos de vista, “adoeceu” e fez arrefecer o ardor que a leva a ir às “periferias” geográficas, sociais e existenciais, tornando-se “hospital de campanha”, “enlameada por ter saído”, mas consciente de que a perspectiva da “manutenção” a condena a ser uma igreja “museu”, que é bela, mas que fica atada a um passado glorioso, mas sem futuro, condenando assim a força do evangelho ou aprisionando-a nas amarras dos ajustes de maquiagem da instituição.

10 anos depois da publicação da *Evangelii gaudium* a pergunta a ser feita é: a “conversão” ou “transformação” de todas as estruturas em função da missão aconteceu? Não é uma pergunta para ser respondida apenas nas

altas esferas, mas em todas as instâncias. Até que ponto o apelo de Francisco a redescobrir a “alegria do Evangelho” se tornou o motor de uma conversão pastoral da Igreja, levando-a a ser uma “Igreja em saída”?

5. A salvaguarda da casa comum

O nome escolhido por Jorge Mario Bergoglio é ele mesmo um “programa” de vida e de pontificado. De fato, Francisco de Assis evoca muitos elementos essenciais e caros à fé cristã. Um deles, sua visão diante do crucifixo de São Damião que lhe dizia “Vai e restaura a minha Igreja em ruínas”, é, sem dúvida, um dos principais apelos sentidos pelo atual Pontífice, que assumiu a condução da Igreja em um momento de grande crise, provocada pela crise de abusos, que durante seu pontificado se mostrou mais abrangente e contou também com uma política mais rígida de salvaguarda, sobretudo de menores e vulneráveis. Essa restauração moral também se traduziu, como no pobre de Assis, em iniciativas importantes de defesa dos mais pobres, como acima foi evocada a situação dos migrantes e refugiados, e abaixo será analisado seu apoio aos movimentos sociais. Uma Igreja “restaurada” pode de novo atrair a si os olhares e o coração de quem busca nela o rosto de seu Senhor, cheio de ternura e misericórdia. De fato, a Igreja não existe para si mesma, como não cessa de recordar o Papa vindo do “fim do mundo”. Ela é sinal, sacramento do grande sinal de salvação que é seu Senhor e guia. E como sacramento do salvador, os efeitos de sua ação no mundo se “espalham” também para o mundo criado. Da mesma maneira que Francisco de Assis percebeu que a restauração da Igreja se traduzia em comunhão com o mundo criado, o Papa Francisco, diante da grande crise que o atual modelo de “desenvolvimento” tem provocado sobre o meio ambiente, logo associou o cuidado e a defesa dos pobres à defesa e o cuidado do planeta, que também precisa ser salvo.

Laudato sí', Carta encíclica escrita em 2015, é sem dúvida um dos textos mais importantes do magistério social do Papa Francisco, tendo recebido, em outubro de 2023, uma complementação, com a Exortação apostólica *Laudate Deum*. Além desses dois textos, é importante também recordar *Querida Amazônia*, Exortação pós-sinodal publicada em 2020, após o sínodo da Amazônia, realizado em 2019. Embora os Pontífices anteriores já tivessem sinalizado para a importância da questão ambiental, esses textos representam um novo passo na compreensão do meio ambiente por parte da Igreja. Há neles um entendimento profundo da gravidade da atual crise ambiental e um apelo a uma “conversão ecológica” (LS 5, 217-221). Além

de denunciar o que acontece na “nossa casa comum”, a encíclica propõe também a redescoberta do “evangelho da criação”, aprofundando a “raiz humana da crise ecológica”, chamando a uma “ecologia integral”. O conceito principal desses textos, sem dúvida, é o da “ecologia integral” (LS 10, 11, 62, 124, 137, 156, 159, 225, 230, QA 1, 58). O texto aponta para várias pistas de ação, dentre as quais, a da “educação ambiental” (LS 210), que ajude a redescobrir o mundo como criação (L 210), favoreça a criação de uma “cidadania ecológica”, formando para um “estilo” de vida e de responsabilidade ambiental (LS 211), “menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno” (QA 58). A educação também inclui uma dimensão estética, capaz de difundir um “novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (LS 215). Segundo o Papa, o despertar para o cuidado da “casa comum” implica uma espiritualidade que alimente “uma paixão pelo cuidado do mundo”, não se desligue “do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” (LS 216), eduque para a “sobriedade” e a “capacidade de se alegrar com pouco” (LS 222), seja capaz de integrar o valor “do repouso e da festa” (LS 237) e leve à solidariedade global que brota do mistério da Trindade (LS 240).

6. A família como evangelho

O primeiro sínodo convocado por Francisco foi o sínodo da família, em 2013. Uma novidade já se apresentou no método adotado, com um questionário enviado a todos os episcopados, pedindo a participação das Igrejas locais. Algumas questões “pastorais” importantes, como a da comunhão de pessoas divorciadas que voltaram a contrair matrimônio e a de casais homossexuais, tornaram o debate espinhoso, mesmo antes do começo do sínodo. Por isso, Francisco quis que o sínodo fosse realizado em duas sessões, em 2014 e 2015. No final de 2015 convocou um ano jubilar sobre a misericórdia, e em 2016 publicou a *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia*, sobre o amor na família.

As mudanças culturais em curso nas sociedades contemporâneas, com o rápido processo de urbanização em muitas delas, o acesso às tecnologias, sobretudo as do mundo digital, que permitem a rápida circulação de informações e uma “globalização” acentuada de ideias e novidades culturais, levaram a uma verdadeira “revolução” no mundo das representações, com mudanças profundas nos modos de se conceber a vida, as relações que cada pessoa tem consigo, com os demais, com a

transcendência. Essas mudanças conferem um lugar central ao indivíduo, que se autocompreende e se autoconstrói a partir de seu desejo e das inúmeras possibilidades que ele lhe abre. Por outro lado, os dramas sociais, como a fome, o desemprego, as migrações, têm afetado profundamente a família na atualidade. Tudo isso levou à irrupção de novas composições familiares, algumas das quais desconhecidas até então ou tidas como “desviantes” pela sociedade ou pelas igrejas cristãs.

O sínodo sobre a família convocado anteriormente por João Paulo II, realizado em 1980, tinha uma compreensão de família própria das sociedades “modernas”, para a qual a “família normal” era a família nuclear, constituída por um homem e uma mulher, estabelecida para sempre, “até que a morte separasse o casal”. O divórcio, embora presente na sociedade, ainda era visto em muitos países como exceção, e nem todos o haviam regulamentado. Para a Igreja católica, porém, o matrimônio sacramental é o que é realizado entre um homem e uma mulher, por toda a vida. Em caso de divórcio, se a pessoa divorciada contrai nova união, não pode ter acesso à comunhão eucarística. Alguns episcopados, como o alemão, na década de 1990, haviam iniciado, no âmbito pastoral, um processo de acompanhamento de casais que haviam se divorciado e voltado a se casar. Nesse processo, caso a solução canônica, prevista no Código de Direito Canônico de 1983, não fosse possível, depois de um caminho de reconciliação, o pároco poderia permitir o acesso à comunhão. Quando submeteram a proposta a Roma, ela foi vetada e se voltou à prática anterior, já adotada pela maioria dos episcopados. A orientação pastoral era a de separação ou a de “viver como irmãos”, vista pela maioria como praticamente inviável.

Essa questão, bastante espinhosa, pois implicava não só a pastoral, mas a doutrina sacramental, tinha ganhado novos desdobramentos antes do sínodo. O episcopado alemão tinha voltado colocá-la em discussão. Outra questão também, praticamente ausente no sínodo convocado por João Paulo II, a da união de casais do mesmo sexo, tinha tido grandes desdobramentos na maioria das sociedades, que ora tinham legislado as uniões civis ora tinham equiparado o casamento heterossexual ao homossexual. Nos debates que se deram em alguns países, a Igreja teve uma forte presença no espaço público, convocando manifestações contra o assim chamado “casamento para todos”, associando-os a uma “ideologia de gênero”. Ao reconhecerem o casamento para todos, esses mesmos países também começaram a legislar a questão de filhos oriundos desse tipo de união, em geral, quando se tratava

de duas mulheres, a partir da inseminação artificial feita nos óvulos das duas por esperma adquirido em bancos de esperma, e, no caso de dois homens, com o recurso à “barriga solidária” ou à “barriga de aluguel”, que supunha a aquisição de óvulos em bancos de óvulos. Muitas questões éticas emergiram desse recurso à tecnologia para assegurar a paternidade e a maternidade de casais homoafetivos. A essas duas questões mais “espinhosas” se acrescentavam as tradicionais, como a das “mães solo”, a da redução drástica do número de filhos e a do envelhecimento e cuidado dos idosos no seio da família.

A convocação do sínodo e a escuta suscitou várias reações por parte de certos grupos mais conservadores no seio da Igreja, que levantaram a suspeita de que o Papa queria “mudar a doutrina da Igreja sobre a sacramentalidade do matrimônio”. Nas duas sessões do sínodo, embora a palavra tivesse circulado livremente e as questões “candentes” fossem tratadas não sem tensões, não se avançou muito em termos de oferecer “soluções pastorais” para as “situações difíceis” nas quais se encontram algumas famílias. O texto da *Exortação pós-sinodal Amoris Laetitia*, consegue, porém, apontar para algumas direções importantes: leva em conta, no Capítulo II, a diversidade de composições familiares nas sociedades contemporâneas; reitera, no Capítulo III, a “doutrina tradicional” do matrimônio como sacramento, oferecendo-lhe, porém, no Capítulo IV, uma importante iluminação bíblico-teológica, à luz de 1Cor 13,2-7, chave de leitura para se pensar o amor na família; retoma, no Capítulo V, o ensinamento da *Humanae vitae*, importante no contexto das sociedades antinatalistas, que envelhecem e colocam em risco sua própria continuidade; propõe, no Capítulo VI, algumas pistas pastorais para a formação da família à luz da doutrina sacramental da Igreja; indica, no Capítulo VIII, o percurso a ser adotado diante de situações difíceis (acompanhar, discernir e integrar a fragilidade) (Cf. FRANCISCO, 2016).

Também esse texto mereceria ser revisitado no décimo ano do pontificado de Francisco, pois, apesar de abrir novas pistas para acompanhar as “situações difíceis”, parece ter sido identificado como não correspondendo ao verdadeiro magistério da Igreja. Várias mudanças no Código de Direito Canônico foram implementadas, em função de tornar os processos de declaração de nulidade mais céleres, mas o caminho de “não se substituir às consciências, mas formá-las” (AL 37), ainda não tem sido adotado na maioria das dioceses.

7. A juventude como perene inspiração ao encontro de um Cristo jovem

As mesmas mudanças que afetaram profundamente a família, também repercutem no meio juvenil, que se tornou extremamente diverso, fragmentado e plural, sendo o mais afetado com as mudanças antropológicas e tecnológicas. Por isso, é compreensível que o Papa tenha convocado a XV Sessão Ordinária do Sínodo dos Bispos, em 2017, ao redor do tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. O mesmo método adotado no sínodo anterior, com um questionário enviado às conferências de bispos de todos os países, foi utilizado nesse sínodo. Além do resultado da “escuta” feita a partir do questionário, o Papa chamou uma importante representação juvenil de todos os continentes para um “pré-sínodo”, realizado no primeiro semestre de 2018, antes da Sessão de outubro, da qual participaram os bispos. A partir do Documento Final Francisco escreveu a Exortação pós-sinodal *Christus vivit*, publicada em março de 2019, com pistas importantes para se pensar o lugar das juventudes na Igreja, os horizontes que elas podem abrir à evangelização.

Na *Christus vivit*, o Papa inicia (Capítulo I) com uma leitura sobre o “lugar” dos jovens no Antigo e no Novo Testamento. Em seguida, ele afirma que Jesus é jovem e sua juventude ilumina o mundo, sempre rejuvenescendo-o, além de rejuvenescer a Igreja, impedindo-a de envelhecer (Capítulo II). Mais que repetir o que a sociedade e a Igreja afirmam sobre a juventude enquanto “futuro” do mundo ou da Igreja, Francisco afirma que ela é o agora de Deus, feita de um rosto plural, com os traços próprios da época contemporânea, que a ferem, alimentam seus desejos e sonhos. O Papa indica ainda a relação das juventudes com o ambiente digital, recordando que, em geral, é sobretudo o mundo juvenil que migra e sofre todo tipo de abuso nesse percurso (Capítulo III). O texto propõe o grande anúncio da Igreja aos jovens: o Deus que é amor, o Cristo que Salva e está vivo, o Espírito que dá vida (Capítulo IV). O texto recorda nos capítulos seguintes, Caminhos da Juventude (V), Jovens com Raízes (VI), A Pastoral dos Jovens (VII), A Vocação (VIII), O Discernimento (IX), como nessa etapa da vida se abrem possibilidades ou caminhos para os jovens, que é importante não se perder as raízes, que a Igreja se implica em sua formação humana e espiritual, tendo em vista a escolha que cada jovem faz para assumir seu lugar no mundo e os processos que levam a isso (Cf. FRANCISCO, 2019).

Num dos princípios que deve guiar a ação da Igreja, presentes na *Evangelii gaudium*, o “tempo é superior ao espaço” (EG 222-225), Francisco afirma que é “preciso iniciar processos”, mais que “possuir espaços” (EG 223). Um desses processos, relacionados com a mudança do paradigma tecnocrático, é o projeto “Economia de Francisco”, no Brasil denominado “Economia de Clara e Francisco”, que envolve, sobretudo, jovens, provocando-os a imaginarem e a proporem uma “economia diferente” da “economia que mata”. Outro desses processos, o “pacto educativo global”, que implica instituições de educação, também quer ajudar as juventudes a encontrarem seu lugar no mundo atual, apontando-lhes novos caminhos, alternativos aos que ameaçam o futuro da vida no planeta, fundados numa “economia que mata”. As pistas apontadas pela *Christus vivit* não conheceram grande desdobramento no período que se seguiu ao sínodo, porque, já no final de 2019 e início de 2020, a pandemia interrompeu muitas das iniciativas previstas no texto, além de ter afetado particularmente a “saúde mental” de crianças, adolescentes e jovens, grande parte dos quais sendo obrigados a ingressarem no mundo digital para dar seguimento aos seus estudos, criando em muitos deles certas dificuldades de saírem desse mundo e voltarem às relações presenciais. Isso tem sido sentido fortemente nas comunidades de fé.

8. Os poetas sociais

Como acima foi sublinhado, o nome escolhido por Jorge Mario Bergoglio como Papa é um “projeto de vida”, voltado para questões importantes que da sociedade, dentre as quais, sem dúvida, se destaca a das lutas sociais de tantos grupos por direitos e justiça. Além da ênfase na situação dos migrantes e refugiados, Francisco tem se encontrado desde 2014 com os participantes do encontro mundial de movimentos populares. Nessa primeira participação, ocorrida em Roma, ele expressou sua alegria por estar com tais movimentos, lembrando que eles encarnavam “uma realidade que muitas vezes passa em silêncio. Os pobres não só suportam a injustiça, mas também lutam contra ela!” (cf. FRANCISCO, 2014). No encontro de 2015, em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), ele afirmou que “os movimentos populares têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando”. Nesse sentido, diz ele, pode-se afirmar que os movimentos populares são “poetas sociais”, pois criam trabalho, constroem casas e são “produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global” (cf. FRANCISCO, 2015b).

Os escritores poetas descobrem e produzem beleza no mundo através da linguagem. A ação poética não se restringe, porém, à criação da beleza através da arte da escrita. No grego a “*poiesis*” é a capacidade de criar, de fabricar, não só beleza, mas tudo o que existe. Ao nomear os movimentos sociais de “poetas sociais”, o Papa mostra sua capacidade de ver nos que de tantas formas criam um mundo mais justo e solidário, a saber, os que mobilizam e participam dos movimentos populares, uma das expressões da poesia em ação no mundo.

9. Igreja samaritana e comprometida com a fraternidade e a amizade social

Outro desdobramento do nome que escolheu, Francisco, se encontra, certamente, na *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Os encontros do Pontífice com o Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem se encontrou em Abu Dhabi, a partir dos quais assinaram um documento sobre a Fraternidade em prol da paz mundial, o levaram a escrever, em 2020, sua encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Junto com a *Laudato sí'* e a recém-publicada *Laudate Deum*, ela retoma e atualiza a doutrina social da Igreja numa perspectiva não mais antropocêntrica, mas ecológico-social, numa clara sinalização de que o paradigma moderno, a partir do qual toda a razão moderna se constituiu, transformando radicalmente a face do planeta e as relações sociais, chegou à exaustão, demandando outro tipo de paradigma, mais “holístico”, ao mesmo tempo enraizado na terra e nos seus distintos “moradores”. Ao retomar o tema da “fraternidade”, Francisco evoca o Pobre de Assis, para o qual não só os homens e as mulheres são irmãos e irmãs, mas também os animais e todo o cosmos. Certamente as dificuldades de convívio entre humanos surgidas na cultura do indivíduo que se disseminou pelo planeta, estão na origem da nova encíclica do Papa, que com a *Laudato sí'* e a *Laudate Deum* formam a unidade de um paradigma socioambiental.

Na nova encíclica Francisco inicia com um breve “diagnóstico” da realidade no início da terceira década do século XXI, denominado por ele de “sombras de um mundo fechado”, no qual sublinha os impactos de uma “guerra em pedaços”, fruto justamente da incapacidade de ver no outro, no diferente, um “irmão” ou um “amigo” (Capítulo I). A parábola do Bom Samaritano (Capítulo II) aparece então como o “ícone” teológico do que é a proposta da “terapia” para o mundo dividido, no qual o outro é um inimigo e não um próximo. As imagens dos muros, que marcaram a política de alguns países com relação aos migrantes e refugiados, ou a de pessoas mortas nas

praias ou nas fronteiras de países assolados pela guerra, são evocadas no texto, mas também a dos conflitos provocados pela diferença étnica, de gênero e social. O Papa propõe que se aposte num mundo aberto, em sociedades que integrem todos. Para mostrar a originalidade de sua proposta ele afirma que dentre os ideais que deram origem à Declaração Universal dos Direitos Humanos (Liberdade, Igualdade, Fraternidade), o único que não teve um real desdobramento nas instituições e legislações que desde então foram criadas, é justamente o da Fraternidade (FT 103-105). O texto oferece várias pistas para se pensar a política na atualidade, fortemente polarizada ideologicamente (Capítulo V), indicando o caminho para se chegar a isso, o do diálogo e amizade social (Capítulo VI), além de propor vias para o perdão, necessário para a reconciliação num mundo tão marcado pelo conflito e pela guerra (Capítulo VII). No último capítulo o Pontífice indica o papel das religiões nos processos de construção da paz hoje, oferecendo boas pistas para pensar o diálogo inter-religioso (Cf. FRANCISCO, 2020c).

10. A “reforma” sinodal da Igreja

No conclave que no qual foi eleito, falou-se muito de uma “reforma” de algumas estruturas da Igreja, dentre as quais a da cúria romana. Na *Evangelii gaudium*, como acima foi indicado, tida como “projeto de governo” de Francisco, o tema da reforma está contemplado, mas se trata de uma reforma muito mais radical, que implicava uma “conversão” não só das estruturas, mas da própria compreensão da identidade da Igreja, que, conforme diz o Pontífice argentino, existe para evangelizar. Essa reforma de fundo, que supõe todo um caminho de conversão pastoral e missionária, para deixar de ser uma Igreja da autopreservação e transformar-se numa Igreja em saída (EG 25, 27, 30, 32) afeta também o papado (EG 32). Um dos primeiros sinais dessa conversão do papado foi a criação do grupo dos cardeais que formam uma espécie de conselho do Papa, com o qual foi traçando os passos que levariam à “reforma” da cúria romana, uma das principais mudanças estruturais demandadas no conclave. O grupo trabalhou arduamente, elaborando um texto que foi levado às conferências episcopais, sendo modificado várias vezes, para formar a *Constituição Apostólica Praedicate evangelium*, publicada pelo Papa em 2022. A principal mudança proposta nesta constituição é sua orientação missionária, ou seja, o que Francisco pede de toda a Igreja na *Evangelii gaudium* é o que também propõe nesse texto.

Essa reforma na “cúpula”, que para muitos analistas tardou demasiado tempo, foi permeada de vários “processos” que indicavam que a

reforma eclesial deveria ser mais profunda. Na *Constituição Apostólica Episcopalis communio*, de 2018, e no discurso que fez por ocasião dos 50 anos da criação do Sínodo dos Bispos, em 2015, Francisco apontava a direção que a Igreja deveria redescobrir e aprofundar: a sinodalidade, que é constitutiva da Igreja, sendo o “caminho que Deus espera” dela no 3º milênio (Cf. FRANCISCO, 2015c).

Os sínodos da Família, da Juventude e da Amazônia já mostravam, através do questionário ao qual todas as Igrejas deveriam responder, a importância de toda a Igreja se sentir implicada no processo sinodal, através de uma ampla escuta. Em 2021, o Papa Francisco convocou a XVI Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, ao redor do tema: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão”. Aberto oficialmente em 09/10/2021, em Roma, a metodologia proposta é a da *Constituição Apostólica Episcopalis Communio*, que supõe para a primeira etapa uma ampla escuta, não mais a partir de um questionário, mas implicando todas as dioceses do mundo. A partir de um *Documento de Trabalho* e de um *Vade Mécum*, o conjunto da Igreja era chamado a participar, respondendo a uma Questão Fundamental e a questões diversas propostas a partir de dez eixos temáticos.

Todas as dioceses deveriam organizar a escuta, elaborar uma síntese e enviar às Conferências Episcopais Nacionais, as quais, por sua vez, deveriam elaborar a síntese nacional e enviar à Secretaria Geral do Sínodo. Feita essa primeira etapa, que começou entre fins de 2021 e se prolongou até julho de 2022, a Secretaria Geral do Sínodo elaborou um *Documento para a Etapa Continental*, que aconteceu entre janeiro e março de 2023, privilegiando o método do diálogo/conversa/conversação no Espírito. Sete grandes sínteses foram então elaboradas nos distintos continentes e enviadas à Secretaria Geral, que então se encarregou, com a ajuda de peritos, de elaborar o *Instrumentum Laboris*, tornado público em fins de maio de 2023. Esse texto, que contava com uma introdução geral, de caráter teológico, construída ao redor dos três termos do tema geral: comunhão, participação, missão, possuía dois tipos de fichas, também elas construídas ao redor desses três termos.

Foi ao redor dessas fichas que se desenvolveu a 1ª Sessão da XVI Assembleia do Sínodo dos Bispos em outubro de 2023, também ela recorrendo ao método da “conversa no Espírito” e contou com a presença de leigos, homens e mulheres, representantes da vida religiosa, diáconos

permanentes e presbíteros com direito a voz e voto. No final da 1ª Sessão foi então elaborado um texto, denominado *Relatório de Síntese: Uma Igreja sinodal em missão*. Esse texto, por sua vez, está construído em três partes: I: O rosto da Igreja sinodal, com sete temas: 1. A sinodalidade: experiência e compreensão; 2. Reunidos e enviados pela Trindade; 3. Entrar numa comunidade de fé: a iniciação cristã; 4. Os pobres, protagonistas do caminho da Igreja; 5. Uma Igreja de “toda a tribo, língua, povo e nação”; 6. Tradições das Igrejas orientais e da Igreja latina; 7. Um caminho rumo à unidade dos cristãos; II. Todos discípulos, todos missionários, compreendendo 6 temas: 8. A Igreja é missão; 9. As mulheres na vida e na missão da Igreja; 10. A vida consagrada e as agregações laicais: um sinal carismático; 11. Diáconos e presbíteros numa Igreja sinodal; 12. O bispo na comunhão eclesial; 13. O bispo de Roma no Colégio dos bispos; III. Tecer laços, construir comunidade, constituída, enfim, de 7 temas: 14. Uma abordagem sinodal à formação; 15. Discernimento eclesial e questões abertas; 16. Por uma Igreja que escuta e acompanha; 17. Missionários no ambiente digital; 18. Organismos de participação; 19. Os agrupamentos de Igrejas na comunhão de toda a Igreja; 20. Sínodo dos bispos e assembleia eclesial. A nova etapa, que deverá culminar na 2ª Sessão, em outubro de 2024, será precedida por um intenso trabalho de aprofundamento nas Igrejas locais, que suporá um trabalho prévio intenso a ser realizado por teólogos, teólogas, pastoralistas e canonistas.

Conclusão

O escritor e jornalista britânico Austin Ivereigh publicou, em 2015, o livro *Francisco, o grande reformador*. Esses 10 anos de pontificado, brevemente lembrados nos dez temas acima abordados, dão uma mostra do trabalho enorme desencadeado por esse grande reformador da Igreja no início do século XXI. Certamente ainda não é o tempo dos balanços, nem tampouco o do final de uma “carreira”, como muitos gostam de se referir ao Pontífice argentino já avançado em idade e acometido com problemas recorrentes de saúde nos últimos anos. O caminho por ele trilhado e proposto à Igreja católica é de fato coerente com um dos princípios que guiam sua compreensão da atividade da Igreja: “o tempo é superior ao espaço”, por isso, mais que “possuir espaços, é importante desencadear processos” (EG 222). Certamente essa é a grande reforma de Francisco na Igreja, tentar implicar todos os fiéis num caminho que se torne irreversível, porque conduzido pelo Espírito e se deixando surpreender por suas novidades e apelos, de modo a

deixá-lo “renovar a face da terra”, como se reza a cada vez que se invoca sua presença na vida cristã.

SIGLAS

CEBs = *Comunidades Eclesiais de Base*

CELAM = *Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho*

COEPAL = *Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência dos Bispos*

DAP = *Documento de Aparecida*

EG = *Evangelii Gaudium*

LS = *Laudato Si'*

FT = *Fratelli Tutti*

QA = *Querida Amazonia*

AL = *Amoris Laetitia*

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *Declaratio* (2013). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

BURIL, B. A pandemia e o individualismo que nunca existiu. In: REICH, E.; BORGES, M. L.; XAVIER, R. C. *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, 2020, p. 30-34.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

DE MORI, G. Olhares cruzados sobre a pandemia. In *Encontros Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 283-310. Disponível em:

<<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1670>>. Acesso em: 02 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Benção Apostólica *Urbi et Orbi* (2013a). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/document_s/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013b). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/document/s/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Homilia do Santo Padre Francisco na santa missa pelas vítimas dos naufrágios*, (2013c). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/pa-pa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares* (2014). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Laudato Si'* (2015a). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso: 15 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Padre no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares* (2015b). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html>. Acesso: 30 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Papa Francisco na comemoração dos 50 anos da instituição do sínodo dos bispos* (2015c). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso: 30 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (2018). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html>. Acesso: 30 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (2019). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html>. Acesso: 30 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* (2020a). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html>. Acesso: 15 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. Bênção *urbi et orbi* (2020b). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/document/s/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html>. Acesso: 01 set. 2020.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica do Santo Padre Francisco *Fratelli tutti* (2020c). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso: 04 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. Constituição Apostólica *Praedicate evangelium* (2022). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html>. Acesso: 30 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Laudate Deum* (2023). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

IVEREIGN, A. *Francisco, o grande reformador*. Lisboa: Vogais, 2015.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Para uma Igreja sinodal*. Comunhão participação, missão. Documento preparatório (2021). Disponível em:

<<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>>. Acesso: 30 set. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. “*Alarga o espaço da tua tenda*” (Is 54,2). Documento de trabalho para a etapa continental (2022). Disponível em: <chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/20221025-POR-DTC-FINAL-OK.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão. *Instrumentum laboris* (2023a). Disponível em:

<<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/06/20/0456/01015.html#po>>. Acesso em: 30 set. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Relatório de Síntese da primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* (2023b). Disponível em:

<<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>>. Acesso em: 30 out. 2023.

SCANNONE, J. C. *La théologie du peuple*. Racines théologiques du pape François. Bruxelas: Lessius, 2017.